

ANÁLISE DA *EPÍSKEPSIS TÔN ONOMÁTON* DE ANTÍSTENES

ANALYSIS OF *EPÍSKEPSIS TÔN ONOMÁTON* OF ANTISTHENES

JOEDSON SILVA SANTOS¹

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Brasil

filos_joedson@yahoo.com

RESUMO: Esta pesquisa apresenta uma análise da filosofia de Antístenes sobre a *epískepsis tôn onomáton* – investigação dos nomes. Este tema está relacionado ao problema da *orthótes onomáton*, que esteve sempre envolvida nas atividades dos sofistas. Nesse aspecto, a *orthótes* de Pródico, possivelmente um precedente inspirador para a análise antistênica dos nomes, está relacionada com a *epískepsis* de Antístenes naquilo que convergem e divergem as duas perspectivas. Tanto Pródico quanto Antístenes convergem na mesma base filosófica do princípio do *oikeîos lógos* e, conseqüentemente, se identificam na mesma hipótese de uma linguagem objetiva que está estritamente ligada às coisas. Mas, os dois pensadores divergem não só no problema da relação entre linguagem e realidade como também no problema da polissemia. Além do mais, expõe-se na conjectura textual o exame do pressuposto filosófico antistênico, a saber, o *oikeîos lógos*, concernente ao problema interpretativo da passagem que Aristóteles menciona Antístenes: “*oikeîos lógos hèn eph' henós*”, ou seja, enunciado próprio para cada coisa. A questão debatida é se a expressão “*hèn eph' henós*” faz referência ao *ónoma* ou ao *lógos*.

PALAVRAS-CHAVE: *Epískepsis*. *Orthótes*. *Oikeîos lógos*. Pródico. Antístenes.

ABSTRACT: *This paper presents an analysis of Antisthene's philosophy on epískepsis tôn onomáton - investigation of names. This theme is related to the problem of the orthótes onomáton that was always involved in the activities of the Sophists. In this respect, the orthótes of Prodicus, possibly an inspiring precedent for the Antisthenic analysis of names, is related to the epískepsis of Antisthenes in which the two perspectives converge and diverge. Both Prodicus and Antisthenes converge on the same philosophical basis of the principle of oikeîos lógos, and consequently subscribe to the same hypothesis of an objective language, which is strictly connected to things. However, the two thinkers differ not only in the problem of the relationship between language and reality but also in the problem of polysemy. Moreover, the textual conjecture examines the philosophical Antisthenic presupposition, namely, the oikeîos lógos, concerning the interpretative problem of a passage in which Aristotle mentions Antisthenes: "oikeîos lógos hèn eph' henós", that is, a statement for each thing. The question discussed is whether the expression "hèn eph' henós" refers to the ónoma or the lógos.*

KEYWORDS: *Epískepsis*. *Orthótes*. *Oikeîos lógos*. Prodicus. Antisthenes.

INTRODUÇÃO

Antístenes foi um dos seguidores de Sócrates considerado como o membro mais representativo dos discípulos após a morte do mestre. Sua importância é evidenciada nas fontes como um autor prolífico e estimado na antiguidade e, ao

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

mesmo tempo, foi criticado – injustamente por Timón – por escrever demais em todo tipo de assunto. Diógenes Laércio atribuiu-lhe aproximadamente setenta títulos em dez tomos com assuntos muito diversos, dos quais se destacam: crítica literária, lógica, linguagem, ética, epistemologia, ontologia, retórica e teologia. Por essa razão, esse filósofo polímata foi censurado como “charlatão universal” por Timón pela quantidade de obras escritas.² Reconhecido e admirado como um pensador e estilista em prosa, Antístenes desfrutou de uma excelente reputação na antiguidade (KENNEDY, 2017, p. 12-15). Ao lado de Platão e Demóstenes, foi considerado como um dos melhores expoentes do simples e puro estilo ático;³ adjacente a Platão e Xenofonte é apontado como escritor de habilidade precisa, possuidor da “técnica de expressão”⁴ e de boa reputação.⁵ Apesar da notabilidade e relevância de Antístenes na era clássica e helenística, poucos estudos foram elaborados e, academicamente, parece ignorado nos dias atuais.

Este artigo tem como finalidade apresentar a filosofia lógica-linguística do filósofo ateniense, tendo como ponto de partida a análise da *epískepsis tôn onomáton*, isto é, a investigação dos nomes. Este tema é o ponto chave para entender a filosofia de Antístenes, pois direciona para vários assuntos tratados por este socrático. Esta análise do ateniense é considerada como a interpretação do *exetázein* de Sócrates; estava também associado com a crítica homérica; era tratado como o princípio para educação, também como o ponto inicial para chegar à moral e ao *oikeîos lógos*: um enunciado/nome próprio; estava também relacionado ao problema da *orthótes onomáton* que esteve sempre envolvida nas atividades dos sofistas.

Nosso trabalho pretende estudar o método de análise terminológico antistênico, a saber, *epískepsis tôn onomáton* em relação (1) aos seus aspectos gerais, (2) ao problema da *orthótes tôn onomáton*: nesta etapa, partiremos do sofista Pródico – através da metodologia de análise da correção dos nomes – como um precedente inspirador para a investigação dos nomes de Antístenes, e relacionar os dois pensadores naquilo que convergem para finalmente estabelecer as divergências das duas perspectivas. Apresentaremos (3) um exemplo da metodologia de Antístenes sobre o termo *polutropos*: neste momento, vamos averiguar o termo com base no seu radical *trópos*, analisando o seu problema polissêmico e estabelecendo os três usos específicos do nome. Por fim, sobre estas bases, trataremos do ponto final da investigação dos nomes, isto é, (4) o *oikeîos lógos*: nesta seção examinaremos se a expressão “*oikeîos lógos hèn eph´ henós*” faz referência ao *ónoma* ou ao *lógos*, e chegaremos no desfecho dos enunciados simples e compostos, ou seja, os simples quando se referem à essência das coisas

² Diógenes Laércio, VI.15-18 (*SSR*, V.A.41), Cf. Mársico (2014, M 792, p. 170-173) e Prince (2015, P 41A, p. 120-125).

³ Focio, *Biblioteca*, cod. 158 (a partir de Frínico) (*SSR*, V.A.50), Cf. Mársico (2014, M 808, p. 177) e Prince (2015, P 50, p. 179-180).

⁴ Longinus, *Ars Rhetorica*, p. 559 (*DC 11*), Cf. Mársico (2014, M 806, p. 176) e Prince (2015, P 48, p. 177-178).

⁵ Epicteto, *Disertación*, II.17.35 (*SSR*, V.A.46), Cf. Mársico (2014, M 804, p. 176) e Prince (2015, P 46, p. 175).

(*ousia*) dizem respeito ao *ónoma*, e os compostos quando fazem alusão ao *pragma* referem-se ao *lógos*.

I ASPECTOS GERAIS DA *EPISKEPSIS TÔN ONOMÁTON*

Segundo o testemunho de Diógenes (*SSR*, V.A.41),⁶ Antístenes foi autor de um trabalho pedagógico intitulado “*Sobre a educação ou sobre os nomes*” e um tratado erístico “*Sobre o uso dos nomes*” que constituem dois dos assuntos do tomo VII, que compõem um projeto educativo que aborda uma noção geral de educação e seus conteúdos essenciais (BRANCACCI, 2019, p. 27-28). De acordo com a concepção antistênica, os nomes podem ser agrupados em três processos: *epískeipsis tôn onomáton* – investigação dos nomes – *khrêsis tôn onomáton* – uso dos nomes – e *dialegein katá géne* – distinção em classe.

A *epískeipsis tôn onomáton* é testemunhada por Epicteto:

‘Também a lógica é infrutífera’. Nós também veremos isso, mas mesmo que alguém conceda isso, o ponto anterior é suficiente, que para outras coisas a lógica é um instrumento para distinções e exames e, por assim dizer, tomar medidas e quem diz isso? Apenas Crisipo e Zeno e Cleanthes? Antístenes não diz isso? E quem escreveu que *o exame de nomes é o começo da educação*? Só Sócrates diz isso? E sobre quem Xenofonte escreve que ele *começou a partir do exame dos nomes, o que cada um significa?* (PRINCE, 2015, P 160, p. 41 – grifos acrescentados).⁷

Segundo Susan Prince (2015, p. 541-542), esse discurso de Epicteto faz parte da tese de que “a lógica é necessária”, tendo como finalidade principal explicar porque os estoicos colocam a lógica em primeiro lugar em seu currículo, antes da física e da ética. Nesse aspecto, para Prince, esta passagem apoia a concepção de que “Antístenes considerou os nomes fundamentais e as unidades básicas da *τὰ λογικά*, que contém um sentido lógico (não retórico) no discurso completo de Epicteto”. Portanto, esse testemunho parece aludir que o filósofo ateniense concebeu os nomes primários, em certo sentido, sobre a realidade, a saber, os nomes “fornecem a escala de medida para a física e a ética, e não o contrário”.

Partiremos agora para uma análise central do fragmento. A máxima principal da filosofia de Antístenes: “a investigação dos nomes é o princípio da educação” (*archè paideúseos he tôn onomáton epískeipsis*), é atribuída por Epicteto a Antístenes como se fosse uma citação, possivelmente da obra “*Sobre a educação ou sobre os nomes*”, ou talvez pode ser também a sentença inicial, pelo motivo que “nessa obra fundamental [...] *paideia* e pesquisa sobre os nomes estavam intimamente ligadas” (BRANCACCI, 2019, p. 101, ver também PRINCE, 2015, p. 543). A expressão “a investigação do nome”⁸ parece comum para Epicteto tanto

⁶ Cf. Mársico (2014, M 792, p. 170-173) e Prince (2015, P 41A, p. 120-123).

⁷ Cf. Mársico (2014, M 979, p. 259).

⁸ A doutrina educativa dos nomes de Antístenes não está apenas na passagem de Epicteto, em um contexto lógico-pedagógico, ela se encontra embutida na crítica literária de Homero, em especial

em Antístenes como em Sócrates, mas nenhuma literatura socrática existente faz essa atribuição a Sócrates, o que se aproxima aparentemente é o que Xenofonte em “Memoráveis” diz:

Sócrates acreditava que aquele que sabe o que é cada coisa pode também explicá-lo a outros; agora, os que não sabem nada, esses – dizia ele – seria de esperar que se enganassem e enganassem os outros. Por essa razão, dizia que nunca deixava de examinar, com aqueles que o acompanhavam, a essência de cada coisa. Seria difícil explicar como é que construía todas estas definições, mas acho que o que vou contar é suficiente para demonstrar qual a *sua metodologia de investigação*. (XENOFONTE, 2009, IV.6.1, p. 268 – grifos acrescentados).

Segundo Prince (2015), o contexto de Xenofonte mostra que ele está fazendo menção de definição – por exemplo de piedade – e não de uma investigação de nomes, mas do que existe ou das coisas; diferente de Epicteto ele não usa o termo “significar”. Nesse sentido, se, e somente se, a referência de Epicteto for a obra “*Memoráveis*”, podemos inferir que o mesmo se equivocou na sua interpretação do texto, entretanto, por outro lado, pode-se dizer, como faz Prince, que “Epicteto pode estar citando não *Mem.* IV.6.1, mas um texto semelhante”; ela ainda acrescenta, “Se a comparação de ‘Sócrates’ e Antístenes de Epicteto é precisa, isso poderia ser porque Xenofonte usou a linguagem de Antístenes para descrever o procedimento educacional de Sócrates” (PRINCE, 2015, p. 543; BRANCACCI, 2019, p. 139-159).

O vocábulo “princípio da educação” (*archè paideúseos*) é interpretado por Prince (2015) como um passo geral na educação como um todo, e a organização do tomo VII do catálogo de Diógenes implica também uma sequência geral e, quem sabe, uma necessidade de entender a natureza geral dos nomes antes de avançar na aprendizagem dos livros consecutivos.⁹ Para Brancacci (2019) não é puramente uma dimensão pedagógica, porque em torno deste problema é tematizada a questão metodológica de captação do real. Nas palavras do autor, “se o exame dos nomes é de fato tomado como elemento da educação (*παιδείσις*), ele é, também, propriamente o princípio (*ἀρχή*) de sua atualização e o ponto de partida de seu processo de aquisição (BRANCACCI, 2019, p. 102). Assim sendo, a passagem de Epicteto pode ser considerada tanto como uma máxima para o sistema educacional como para apreensão da realidade, e também para o “princípio ou fundamento da formação intelectual” (MÁRSICO, 2014, nota 205, p. 259).

A *epískepsis* é considerada como uma interpretação de Antístenes da *exetázein* de Sócrates, assimilada a uma análise de termos, tendo como finalidade

nos fragmentos de Porfírio (*SSR*, V.A.187) sobre *polytropos* (abordaremos mais à frente) e (*SSR*, V.A.189) sobre Cíclopes; bem como nos discursos de Ajax (*SSR*, V.A.53) e de Odisseu (*SSR*, V.A.54).
⁹ *Sobre o uso dos nomes* (tratado erístico), *Sobre a pergunta e a resposta*, *Sobre a opinião e o conhecimento* (em quatro livros), *Sobre o morrer*, *Sobre a vida e a morte*, *Sobre o assunto do Hades*, *Sobre a natureza* (em dois livros), *Pergunta sobre a natureza primeira*, *Pergunta sobre a natureza segunda*, *Opiniões ou erístico*, *Sobre o aprender* (problemas) (DIÓGENES LAERCIO, VI.15-8 (*SSR*, V.A.41)).

a determinação de cada um deles, fornecendo uma definição na conclusão do processo dialético (BRANCACCI, 2005, p. 12). O termo grego *exétasis* ou *exatázein* significa “submeter a exame”, “interrogar”, “pôr à prova”, isto é, um método dialético associado tanto por Platão quanto por Xenofonte como uma metodologia de Sócrates em um processo de verificação ou exame de nomes. Brancacci (2019) identifica esse método socrático testemunhado por Xenofonte com o de análise dos nomes de Antístenes, possivelmente porque Sócrates agrupava os termos *dialegesthai*,¹⁰ *syneînai*¹¹ e o *exetázein* ao método dialético de perguntas e respostas em sua relação com o sábio. Nesse sentido, o *sophós* é aquele que é apto para realizar o método de exame (*exetázein*) para comunicar o saber adquirido mediante o diálogo ou discussão (*dialegesthai*) de um tipo de assunto para desenvolver um bom diálogo entre os homens (*anthrópois syneînai*). Nas palavras de Brancacci,

O método da divisão em classe constitui a condição da capacidade de discutir e conversar com os homens (*διαλέγεσθαι καὶ ἀνθρώποις συνεῖναι*), porque ele determina a aquisição de conteúdos de saber que os sábios, através de seu ensinamento, transmitirão aos homens. Disso deduz-se que, graças à transformação do conceito do *ἐξετάζειν*, entendido por Antístenes como um exame dos nomes, a noção de *dialegesthai* torna-se autônoma. Essa transformação explica também a atribuição aos sábios de uma habilidade ao mesmo tempo dialética, já que ligada à aptidão para efetuar corretamente o exame dos nomes, e retórica, dado que a virtude de Odisseu, o *polutropos*, designa uma capacidade de instruir os homens, encontrando o tipo de discurso apropriado a cada um. (BRANCACCI, 2019, p. 173).

Brancacci (2005, p. 12) ressalta que a concepção dialética de Antístenes era diferente da que Platão atribuiu a Sócrates. Para o Sócrates platônico a resposta à questão da definição era o ponto de partida para *exetázein*, que considera como uma “situação dialógica concreta na qual o princípio ético fundamental foi ativado, isto é, o princípio em que a *dialegesthai* era o bem supremo”; diferentemente, Antístenes compreende a definição da qualidade peculiar, a saber, o *oikeîos lógos*, como ponto de chegada da *epískepsis tôn onomáton*. Deste modo, para o Sócrates platônico, o *exetázein* é identificado com o *dialegesthai*, que pareceu a Antístenes ser um verdadeiro método, porém não equivalente ao bem supremo (*megiston agathon*), mas sim o princípio da educação (*archè paideúseos*).

A investigação dos nomes, na sua finalidade de educar, tem como consequência lógica a utilização correta dos nomes. Antístenes escreveu um livro intitulado “*Sobre o uso dos nomes*” (*SSR*, V.A.41), tendo a noção de *khreîsis tôn*

¹⁰ O termo *dialegesthai* (dialogar) tem a mesma raiz de *dialegein* (catalogar), cujo verbo, *legein*, pode ser entendido como “reunir”, “contar” e, conseqüentemente, pode ser compreendido também como “enumerar”, “calcular”, “discutir”. *Dialegesthai*, nas palavras de Prince, é um termo positivo para Antístenes, porque é um aspecto da habilidade do sábio retórico; Xenofonte chama de método socrático, porém esse termo não está se referindo a dialogar, em Mem. IV, 5.12, mas de ordenação ou classificação (*dialegein*). Cf. Prince (2015, p. 148); Brancacci (1990, p. 149-152) e Xenofonte (IV.6.1, 2009, nota 179, p. 268).

¹¹ O termo *syneînai* tem como significado conversar entre si ou conversar uns com os outros.

onomáton como o segundo processo do núcleo conceitual da proposta antistênica, a saber, o método de análise terminológico. A expressão *khḗsis*¹² (uso) pode estar associada a *orthótes khḗsis* (uso correto) e *katákhḗsis* (uso incorreto). Além do mais, esse método de análise está estritamente vinculado com o saber prático, pois o termo *khḗsis* tem implicações éticas em Antístenes. Portanto, o método de análise onomástico constituído pelos processos de investigações (*epískepsis*), uso correto (*orthótes khḗsis*) dos nomes e por sua distinção de classe (*dialegein katá géne*)¹³ permite indicar ou revelar o nome para cada coisa, isto é, o *oikeiós lógos*.

2 ORTHÓTES E EPÍSKEPSIS TÒN ONOMÁTON: PRÓDICO E ANTÍSTENES

O método de análise de Antístenes parece estar relacionado ao problema da *orthótes onomáton*,¹⁴ que esteve sempre envolvida nas atividades dos sofistas. O *orthós lógos* dos sofistas, em especial do *ónoma*, estava desenvolvido sobre a problemática do binômio *nómos/phýsis* – assim como da disjunção e inerência entre linguagem e ser – por meio da antiga disputa sobre a origem da linguagem: convencionalismo/naturalismo, a saber, se há entre o nome e o ente uma coincidência natural ou uma identificação convencional. O conceito de *orthótes* em Protágoras pressupõe a doutrina da antilogia, ou melhor, dos dois *lógoi* opostos para cada *prágma*. Em outras palavras, para cada coisa há dois *lógoi* opostos, dos quais um é mais forte ou superior que o outro. Essa perspectiva entra em choque com as concepções de pensadores naturalistas tais como Pródico e Antístenes, que sustentaram o *eikeiós lógos*, isto é, um enunciado para cada coisa, a fim de estabelecer uma relação única entre nome e coisa (*ónoma-prágma*).

A correção dos nomes em Pródico tem como base o *oikeiós lógos* e o estudo das palavras pela qual distinguia o sentido das classes das palavras, por meio do método dierético (*diáiresis*) ou distinção, que consistia na “determinação do significado de uma palavra e, acima de tudo, de sua diferença com outra homônima ou sinônima que exija comparar suas formas globais ou parciais e, portanto, averiguar sua etimologia” (DOMÍNGUEZ, 2002, p. 48). Em outros termos, esse método versava o exame sistemático das diferenças e oposições entre palavras aparentemente sinônimas (MELERO BELLIDO, 1996, nota 26, p. 247), com o propósito de restringir o uso da linguagem ao que descreve a coisa, e que em sua própria estrutura manifeste ou indique ou revele também a estrutura da realidade.

¹² A questão do uso é marcante na filosofia de Antístenes, além da sua preocupação com o uso dos nomes, ele também escreveu um livro – mencionado no tomo IX (*SSR*, V.A.41) – “Sobre o uso do vinho” e abordou – segundo o testemunho de Epicteto (*SSR*, V.B.22) – sobre *khḗsis phantasion*, ou seja, uso da aparência ou da imagem.

¹³ Para uma análise pormenorizada dessa expressão ver Mársico (2005a, p. 88-91; 2005b, p. 123-125).

¹⁴ Platão atribuiu essa atividade aos sofistas em geral (CRÁTILLO, 291b.), a Protágoras (CRÁTILLO 291c; FEDRO 267c) e a Pródico (CRÁTILLO 384b; EUTIDEMO 277e). Platão apresenta também no livro *Crátilo ou Correção dos Nomes* dois interlocutores de Sócrates, Hermógenes e Crátilo, que estavam mergulhados nessa problemática. Enquanto o primeiro assumia uma posição convencionalista da linguagem, o segundo admitia um naturalismo que, em certo sentido, estava mais próximo de Pródico e Antístenes.

O *oikeîos lógos* e, conseqüentemente, a explicação correta da estrutura da realidade de Pródico estão associados com a noção da adequação dos nomes, atribuído por Platão no Crátilo (384b), no Eutidemo (277e-278b) e no Cármides (163d). Para Pródico, um nome só tem sentido se for nome de uma coisa, se um nome não é nome de alguma coisa não tem significação. Nesse sentido, Kerferd (2003, p. 124) fala que “cada segmento da realidade pertence a um *lógos*, e cada *lógos* corresponde exatamente a um segmento distinto da realidade”. Logo, Pródico utiliza do método *diáiresis* orientado pelo princípio do *oikeîos lógos* para buscar o uso unívoco da linguagem, propondo vincular cada nome a uma coisa.

Provavelmente, essa metodologia de análise da correção dos nomes tenha notórias influências em Antístenes. Ainda que não haja evidências diretas para as opiniões de Antístenes sobre sinônimos, esta concepção pode ser inferida por seu princípio do *oikeîos lógos* e de seu paradoxo da impossibilidade de contradizer (*ouk éstin antilégein*) (PRINCE, 2015, p. 55); além do mais, pode-se encontrar um projeto próximo à análise de homônimos no testemunho de Porfírio, onde Antístenes distingue os vários sentidos de uma palavra (SSR, V.A.187).

Segundo Mársico (2005a, p. 75-76; 2005b, p. 112-113) e Brancacci (2019, p. 69), o *orthótes* de Pródico foi um precedente inspirador para a teoria de Antístenes, esta aparece nas fontes como *epískepsis tôn onomáton* ou *khḗsis tôn onomáton*. Esse método de análise testemunhado por Epicteto (*Disertaciones*, I.17.10-12 (SSR, V.A.160)), isto é, “a investigação dos nomes é o princípio da educação”, parece compartilhar o campo de nomes com Pródico. Esta afirmação pode ser testemunhada pelo relato de Platão (EUTIDEMO 277e-278a) quando se refere à fala de Pródico no diálogo Eutidemo: – “é necessário aprender sobre a correção dos nomes”. Não só nessas duas máximas, que em certo grau parecem equivalentes, encontramos uma possível influência de Pródico em Antístenes. Além de seus interesses comuns aos nomes, eles compartilham um interesse na história de Hércules¹⁵ e, possivelmente, em uma teoria sobre o uso (*khḗsis*) como base para a ética¹⁶ (PRINCE, 2015, p. 55). Esses pensadores também convergem na mesma base filosófica do princípio do *oikeîos lógos* (um enunciado para cada coisa) e, conseqüentemente, se identificam na mesma hipótese de uma linguagem objetiva que está estritamente ligada às coisas.

Apesar de algumas convergências, deve-se clarificar que a postura de Antístenes é mais radical. Sendo assim, é possível estabelecer divergências entre estes dois pensadores. Para Mársico (2005a, p. 77; 2005b, p. 113), uma das diferenças que há entre as duas abordagens está na substituição dos termos *orthótes* pelo *epískepsis*. Contrariamente, discorda-se que haja uma substituição dos termos, acredita-se que haja uma ampliação dele. Mársico tenta justificar o fato da *orthótes* de Pródico deixar dúvida sobre a relação entre linguagem e realidade. Segundo ela,

estritamente falando, depois da noção de *ὀρθότης*, na medida em que este termo implica a ‘correção’ como um estado, mas também

¹⁵ Conferir o testemunho em SSR, V.A.92-99 e SSR, V.A.207, IV.A.224.

¹⁶ Ver nota sobre o termo *τὴν τοῦ λόγου χρῆσιν* sobre o testemunho de Porfírio (SSR, V.A. 187) em Prince (2015, p. 606-607).

como um processo, esconde-se a ideia de que a correlação entre linguagem e realidade, se bem existe, nem sempre é clara e efetiva. Portanto, a tarefa do *ὀρθότης* é verificar, isto é, corroborar a correção, ou restituí-la, ou seja, efetuar a correção. (MÁRSICO, 2005a, p. 77).

Entende-se que a *orthótes* de Pródico é diferente pela mesma razão que Mársico (2005a) a justifica, no entanto, isso não implica dizer que há substituição dos termos. Essa tomada de decisão da intérprete pode estar relacionada ao fato de que não aparece o termo *orthótes tôn onomáton* em Antístenes. Compreende-se que os termos *epískepsis* e *khḗsis* não estão dissociados do *orthótes*, mas são uma ampliação da análise, já que o *orthótes* é restrito somente à correção; contudo, para que haja correção é preciso investigar e usar adequadamente o nome. De fato, o *orthótes* de Pródico deixa obscuro a relação entre linguagem e realidade, mas é possível perceber que sua análise gira em torno dos termos – utilizando as palavras da professora – “verificar, corroborar, restituir e efetuar” a correção. Esses termos não são substitutos da *orthótes*, mas sim fazem parte da metodologia da mesma; assim como *epískepsis* e *khḗsis* são análises semânticas dos nomes para diferenciar os vários significados próximos a um termo e determinar o uso próprio ou adequado do termo para resolver o problema do *orthótes tôn onomáton*. Logo, entende-se que não há substituição de um termo por outro e sim uma ampliação da análise.

A segunda divergência, já supracitada, se baseia no problema da relação entre linguagem e realidade. Enquanto para Pródico essa correlação não é sempre clara e efetiva, para o socrático Antístenes,

o pressuposto dado é que a correlação sempre existe e, nos casos escuros, é necessário simplesmente realizar uma análise - *ἐπίσκεψις* - do termo que permitirá mostrar que a relação entre linguagem e realidade é perfeita, e que cada coisa corresponde um nome; isto é, que cada coisa tem seus *oikeíos lógos*, seu próprio e único nome. (MÁRSICO, 2005a, p. 77; Cf. 2005b, p. 113).

Tanto Brancacci (2019) como Mársico (2005a) apresentam um exemplo da atividade de Pródico relatado por Platão no Protágoras (337a-c) cujo procedimento estava orientado a averiguar o correto significado de uma palavra para apontar a exata adequação entre nome e coisa. Apesar de Pródico crer no significado objetivo dos termos, parece que aceita algum tipo de formulação que suponha a convencionalidade da linguagem (BRANCACCI, 1990, p. 63; MÁRSICO, 2005a, p. 76; 2005b, p. 113). Esta hipótese da possível aceitação de um tipo de convencionalismo de Pródico pode ser justificada não só pela obscuridade da relação entre linguagem e realidade, se é que existe, mas também pelo problema da polissemia.

Segundo Mársico (2005a, p. 78), em Pródico, averiguado um caso de polissemia, era preciso corrigi-lo tendo em conta o princípio do *oikeíos lógos*, a saber, de que cada coisa deve corresponder um nome, a fim de que, quando produzia polissemia se estava frente a um mal-uso da linguagem, pelo que deveria

restituir ou verificar e, por fim, efetuar a correção. Para Brancacci (2019, p. 69), Pródico interpretava a polissemia como mera oscilação do *onomazein*, que necessitava, portanto, de correção: através da exigência normativa de fixar um nome para cada coisa que lhe correspondesse. O uso próprio do nome à coisa estava aplicado a uma revisão da nomenclatura, dirigida a excluir a possibilidade de uma efetiva multiplicidade de significados das palavras. Nesse sentido, o *orthótes* de Pródico estava vinculado com os demais sofistas no que concerne à necessidade de introduzir modificações na estrutura da linguagem para estabelecer o *orthótes tôn onomáton* (MÁRSICO, 2014, p. 38).

Nesse mesmo aspecto, pode-se delinear a terceira diferença entre esses dois pensadores. Para Pródico, a polissemia era um problema ou um mal-uso da linguagem e era preciso uma revisão ou modificação na estrutura da linguagem, assim como a exclusão da possibilidade de vários significados.

Em Antístenes, entretanto, a polissemia não era um problema, mas um dado linguístico que não necessitava de uma alteração da estrutura da linguagem, mas sim de uma investigação dos nomes.

Para Antístenes, por outro lado, a polissemia era um fato linguístico de que não havia necessidade de negar nem requerer de uma conduta ativa em prol de sua correção: era necessário apenas determinar com clareza sua esfera de aplicação, isto é, estudar o *khṛêsis tôn onomáton*, para que a legalidade efetivamente presente na língua se manifeste. Assim, também no caso de Antístenes se chegava à correlação de ‘um nome para cada coisa’, mas não por alteração do dado linguístico, mas por simples estudo lexical. (MÁRSICO, 2005a, p. 78).

Além do mais, a multiplicidade de significados era mantida aberta, determinando assim, com clareza a legítima esfera de uso ou aplicação de cada um deles (BRANCACCI, 2019, p. 70).

3 POLUTROPOS

Um exemplo da metodologia de análise de Antístenes está testemunhado por Porfírio. Nesse testemunho, pode-se averiguar claramente o mecanismo da *epískepsis* e *khṛêsis* concernente ao nome *polutropos*.¹⁷ Esse epíteto fora atribuído a Odisseu por Homero e era entendido no sentido de caráter (*tropos*) variável (*polu*) que estava associado a um homem mentiroso (ou malvado). De acordo com esse entendimento, Homero parece ter um desprezo pelo herói ou o denuncia pela sua astúcia enganosa. No testemunho de Porfírio, Antístenes se propõe refutar essa interpretação por meio do método da *epískepsis tôn onomáton*, verificando o termo *polutropos*, com base no seu radical *trópos*, demarca o problema polissêmico de *trópos* delimitando os três usos (*khṛêsis*) específicos do nome em

¹⁷ Para uma análise pormenorizada do termo *polytropos* cf. M. Luzzatto, “*Dialettica o retorica? La polytropia di Odisseo da Antistene a Porfirio*”, em *Elenchos* 17, Napoli, 1996, pp. 275-358.

seu contexto ou sentido apropriado para mostrar que a atribuição do termo *polutropos* a Odisseu não está associada com o sentido ético.

Em seu testemunho, Porfírio¹⁸ diz que

Antístenes afirma que Homero não elogia nem critica a Odisseu quando o chama de “multifacetado” (*polutropos*). [...] Então, ao analisar, Antístenes disse: E depois o que? Acaso é mal Odisseu porque foi chamado de *polutropos*, e não é possível pensar que Homero o chamou assim porque era sábio? Acaso *trópos* não significa em um aspecto o caráter e em outro significa o uso do discurso? Pois *eútropos* é o varão que tem o caráter voltado para o bem, e *trópoi* dos discursos que são de vários estilos. E Homero também usa o termo *trópos* em relação a voz e as melodias variadas, como no caso do rouxinol, que frequentemente gorjeando expande sons variadamente modulados. E se os sábios são hábeis para falar, sabem dizer o mesmo conceito de muitos modos e conhecendo muitas maneiras de argumentar sobre os mesmos seriam *polutropos*. Por isso disse Homero que Odisseu, por ser sábio, é *polutropos*, porque sabia conviver com os homens de muitos modos. (MÁRSICO, 2014, M 1011, p. 272-273).

Antístenes utiliza-se de um procedimento de análise léxica para descobrir o sentido do termo *polutropos* através dos sentidos de *tropos*, que se identificam em três âmbitos: o primeiro âmbito é o ético – com relação ao caráter –, o segundo é o retórico – multiplicidade de modos discursivos – e, finalmente, o terceiro no campo da música – variação de voz e melodia. Segundo Claudia Mársico (2005, p. 81), o desafio desse procedimento é “explicar os três usos sem que a noção perca especificidade”. No primeiro âmbito, isto é, o ético, a análise se dá pela etimologia e exige a inclusão dos termos *trépo* e *eútropos*: *trópos* se unifica com *trépo* “girar”, “dar volta”, e a palavra *eútropos* é o que se orienta ao bem. Já no âmbito retórico, o exame se dá pela semântica e se sustenta na relação de significado entre os termos *trépo* e *pláссо* (“modelar”, “forjar”). No terceiro caso, refere-se aos estilos de sons. Assim como no segundo âmbito, esse reintroduz a categoria de multiplicidade tal como aparece em *polutropos* como variedade de sons e melodias. Portanto, *polu*, unido com a noção de *tropos*, foi associada à ideia de multiplicidade sem que se implique o sentido negativo. Nesta interpretação, Homero associa o termo *polutropos* não no sentido ético, com menosprezo ou crítica ao herói, mas no âmbito retórico, associado à multiplicidade de modos discursivos. Portanto, Homero faz referência a Odisseu no sentido de um *sophós* (sábio), um homem com habilidade multifacetada de modos discursivos. Logo, só um sábio pode dar conta da multiplicidade do real, porque poderá entender a trama do existente e designar a cada coisa o nome que lhe é próprio, ou seja, o *oikeios lógos*. De acordo com este princípio, a linguagem é única, ou melhor, sempre adequada à coisa, o que torna múltipla a necessidade de gerar diversos discursos que só são possíveis porque os que proferem – em especial um *sophós* – sabem precisamente que só há um *lógos* para cada coisa.

¹⁸ Porfírio, *Escolio a Odiseia*, I.1 (*SSR*, V.A.187) cf. em Prince (2015, P 187, p. 591-594).

4 OIKEÍOS LÓGOS

Segundo Diógenes Laercio,¹⁹ Antístenes definiu que o *lógos* “é o que mostra o que era e o que é” (*ho tò tí ên è ésti delôn*). Mársico (2014) nos informa que o termo *delôn* (que mostra) faz da linguagem um elemento que permite revelar a natureza do real. Portanto,

a adoção do verbo *deloûn*, “mostrar”, associada à revelação e evidência que surge da sinalização, declara que a linguagem não possui carências e inconveniências estruturais como as postuladas pelos megáricos (o real é um, a linguagem é múltipla, de modo que não serve para mostrar o uno), nem está afetada por insuficiências de transmissão, como no sistema gorgiano (se fosse pensado, não poderia ser transmitido sem perda de sentido. (MÁRSICO, 2014, p. 33).

Brancacci (2019, p. 239-242) entende que essa definição de *lógos*, testemunhada por Diógenes, tem a mesma significação do termo que aparece no princípio filosófico antistênico, a saber, *oikeîos lógos*. Pois, o que mostra que algo era ou é um *oikeîos lógos*. O problema do *lógos*, neste princípio, é saber se ele refere somente ao *ónoma* ou ao *lógos*. Mas antes de tratar desse problema passamos para a definição do *oikeîos*. Esse termo, em seu sentido geral, significa “próprio”, “privado” ou “único”, por isso o princípio antistênico é interpretado como um nome ou um enunciado para cada coisa. O problema está nas interpretações que os comentadores fazem na passagem em que Aristóteles menciona Antístenes. Segundo Aristóteles,²⁰ “Antístenes ingenuamente acreditava que nada é dito com relevância, exceto por meio do enunciado próprio [*oikeîos lógos*], um para cada coisa [*hèn eph´ henós*]. Daí surgiu que não é possível contradizer [*antilégein*], e nem mesmo é possível mentir [*pseudeîn*]”. O problema interpretativo dessa passagem gira em torno da expressão “*oikeîos lógos hèn eph´ henós*”, ou seja, enunciado próprio para cada coisa. A questão debatida entre os comentadores é se a expressão “*hèn eph´ henós*” faz referência ao *ónoma* ou ao *lógos*.

Para Cordero (2008, p. 123; 2001, p. 331-332), na passagem de Aristóteles, Antístenes não sustenta um *μακρός λόγος*, mas reduz o *lógos* ao *ónoma*. Segundo ele, os intérpretes deduzem equivocadamente a frase “um para cada coisa”, como se ela se referisse a “um *lógos* (*hèn*) para cada coisa (*eph´ henós*)”, mas essa interpretação não pode ser aceita, porque *hèn* é neutro, portanto, não pode fazer referência a *lógos*, por ser esse termo masculino. Pois, se fizesse alusão a *lógos*, deveria ser lido em *heís* e não *hén*. Logo, na concepção de Cordero (2008), a interpretação correta é “um *ónoma*, neutro, para cada coisa”.

Essa interpretação, baseada em critérios gramaticais, dá a entender que em Antístenes há uma relação natural biunívoca entre *ónoma* e *prágma* (nome e coisa), que o *oikeîos lógos* seja uma suposição da identidade entre nome e coisa, idêntico

¹⁹ Diógenes Laercio, VI.3 (*SSR*, V.A.151), Cf. Mársico (2014, M 958, p. 244) e Prince (2015, P 151A, p. 473).

²⁰ Aristóteles, *Metafísica*, V.29.1024b26 (*SSR*, V.A.152), Cf. em Mársico (2014, M 960, p. 245-248) e Prince (2015, P 152A, p. 485-486).

a uma tautologia do tipo “A é A”. Por conseguinte, o *lógos*, isto é, “o que mostra o que era ou o que é”, não faz referência a um enunciado, mas a um nome, aquele que melhor mostra o que era (por exemplo o termo dinossauro) e o que é (planeta Mercúrio) sem nenhuma informação adicional.

Contrariamente, para Brancacci (2019, p. 265), a objeção gramatical da interpretação supracitada não é determinante, porquanto a expressão “*hèn eph' henós*” pode ser entendida como uma frase geral em função apositiva em relação ao *oikeîos lógos*. Em outros termos, Brancacci (2019) justifica a relação entre a oração “*hèn eph' henós*” com a locução nominal *oikeîos lógos*, também em critérios gramaticais. A frase, “*hèn eph' henós*”, é uma oração subordinada substantiva apositiva exercendo a função de aposto, ou seja, ela esclarece, explica um termo anterior, a saber, *oikeîos lógos*. Portanto, Brancacci (2019), em consonância com a interpretação de Alejandro de Afrodisia,²¹ entende que a correlação se dá entre *lógos* próprio e *prágma* (enunciado e coisa). Brancacci (2019) ainda observa que os que fazem inferência da tautologia em Antístenes não leva em consideração o que Aristóteles diz quando faz menção de Antístenes. Segundo o filósofo estagirita,²² “o enunciado de cada coisa é, como um, o da essência, mas também é múltiplo, pois, de algum modo, é o mesmo algo e algo afetado de certa maneira, por exemplo, Sócrates e Sócrates músico (e o enunciado falso é simplesmente enunciação de nada)”. Nesse sentido, o *oikeîos lógos* pode ser uno, quando se refere à essência da coisa (*ousía*), e pode ser múltiplo, quando se refere a *prágma*. Nesse aspecto, deduzimos que a leitura tautológica de Antístenes só é válida quando se refere ao nome ou a enunciados simples (micro *lógos*), mas não a enunciados compostos ou complexos (macro *lógos*).

As duas interpretações – a de Cordero (2008) e a de Brancacci (2019) – aparentemente são diferentes, mas não são excludentes, pois uma completa a outra. Ousadamente, inferimos que o *oikeîos lógos* se refere tanto ao *ónoma* quanto ao *lógos*, tanto ao uno quanto ao múltiplo. Apesar dos dois comentadores utilizarem corretamente os critérios gramaticais, uma interpretação não pode refutar a outra. Todavia, é necessário relacionar as duas para entender a filosofia de Antístenes.

O *lógos* relacionado com o *oikeîos* pode se referir ao *ónoma*, pois em Antístenes predicar é “dar nome às coisas” (DINUCCI, 1999, p. 108), conseqüentemente, temos um enunciado simples ou denominativo. Um exemplo de um enunciado designativo é “este é Sócrates”, “este” refere à *prágma* e “Sócrates” alude ao *ónoma* da *ousía*. Em outros termos, “Esta coisa (*prágma*) é o nome (*ónoma*) da coisa (*ousía*)” (DINUCCI, 1999, p. 109). O *ónoma* está em correlato unívoco com as coisas, está essencialmente unido ao ente. Além do mais, os nomes são imitações vocais das coisas e toda atribuição às coisas que não seja correta não é nome, mas meros sons sem sentidos.

²¹ Alejandro, *Sobre la Metafísica de Aristóteles*, 434.25-435.20 (SSR, V.A.152), Cf. Mársico (2014, M 961, p. 249) e Prince (2015, P 152B, p. 498-499).

²² Aristóteles, *Metafísica*, V.29.1024b26 (SSR, V.A.152), Cf. Mársico (2014, M 960, p. 245-248) e Prince (2015, P 152A, p. 485-486).

Segundo Aristóteles,²³ Antístenes pensava que não era possível definir “o que é” (*tí esti*), pois a definição é um enunciado largo (macro *lógos*). De acordo com esse testemunho, é impossível definir a essência em Antístenes, ou seja, os objetos simples não podem ser definidos; o nome exato é aquele das coisas que não podem ser definidos, mas podem ser descritos – como é (*poiôn esti*). Já os objetos compostos podem ser definidos, isto é, recebem um *lógos*. *Lógos* é um composto de nomes dos elementos que compõem a coisa. “As coisas são tão somente uma combinação de elementos simples, uma definição nada mais é que uma enumeração dos nomes destes elementos simples que são indefiníveis” (DINUCCI, 1999, p. 114). Um exemplo citado por Dinucci (1999, p. 113) é do testemunho de Pseudo-Alexandre, que se “consideramos o nome ‘homem’, podemos defini-lo como animal mortal racional, obtendo um *lógos*, ou fórmula longa, composto de *onomata*, que se referem aos elementos que compõem o homem enquanto *prágma*”.

Nesse sentido, estabelecemos o enunciado composto ou complexo – um *lógos* ou um nome composto por mais de uma palavra –, a saber, “Sócrates é homem-filósofo”, em outros termos, a *ousia* de C (*prágma*) é X (*lógos*) equivale a dizer que a natureza da coisa – “Sócrates” – é um *lógos* – “homem-filósofo”. Por conseguinte, o *ónoma* (nome) e o *lógos* (encadeamento de nomes) se referem à linguagem que expressa o pensamento sobre as coisas, a qual não só permite mostrar a *prágma* e a *ousia*, mas funciona como manifestação unívoca da estrutura da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da *epískepsis tôn onomáton* é o ponto inicial que desencadeia a compreensão da filosofia lógica-linguística, como também ético-pedagógica, de Antístenes. Este filósofo, pouco conhecido na área acadêmica nos dias atuais, desenvolveu uma metodologia de análise terminológica que é considerada como princípio da formação intelectual. Este processo onomástico do prolífico autor que norteia nossas reflexões serve como propedêutica para aqueles que queiram conhecer um campo de conhecimento pouco desbravado pelos estudantes brasileiros.

Seu mecanismo de análise estava associado com a problemática da correção dos nomes; possivelmente, a metodologia de Pródico foi um meio que inspirou o socrático a desenvolver sua filosofia. Deste modo, esses dois pensadores, nas suas reflexões filosóficas, compartilharam o mesmo interesse pela nomeação apropriada a cada coisa, como na crença de uma linguagem objetiva estritamente conexa às coisas. Entretanto, ambos divergem no tocante à relação linguagem e realidade, como também no problema polissêmico dos nomes.

Antístenes utiliza o procedimento da *epískepsis*, *khêsis* e *dialeqathai* como instrumento de investigação para analisar o termo *polutropos*. E,

²³ Aristóteles, *Metafísica*, VIII.3.1043b4-32 (SSR, V.A.150), Cf. Mársico (2014, M 956, p. 238-241) e Prince (2015, P 150A, p. 445-447).

consequentemente, refutar uma concepção errônea de que Homero tinha o desprezo pelo herói ao aplicar este termo no sentido de caráter. O socrático faz uma análise léxica do vocábulo, distingui-o em três classes – ético, retórico e musical – para chegar ao uso apropriado. Nesse sentido, entende que Homero faz referência ao herói não no sentido ético, mas no sentido retórico, ou seja, de um *sophós* com habilidade multifacetada de modos discursivos, que tem a sabedoria de designar a cada coisa o nome que lhe é próprio, a saber, o *oikêios lógos*.

A *epískepsis* é o ponto inicial para se chegar ao *oikêios lógos*, este é o princípio filosófico do ateniense, que tem como pano de fundo, o uso unívoco da linguagem. O problema que contorna esse princípio é se a expressão mencionada por Aristóteles, “*oikêios lógos hèn eph´ henós*”, faz referência ao *ónoma* ou ao *lógos*. Constatamos que, para se entender a filosofia de Antístenes, é necessário relacionar os dois, nome/logos, pois quando faz referência ao enunciado simples deve ser aplicado o *ónoma*, mas quando é utilizado um enunciado composto deve-se aplicar o *lógos* (encadeamento de nomes). Portanto, o *oikêios lógos* se refere tanto o *ónoma* quanto ao *lógos*, tanto ao uno quanto ao múltiplo.

REFERÊNCIAS

- BRANCACCI, Aldo. Episteme and Phronesis in Antísthene. *Méthexis*, v. 18, p. 07-28, 2005.
- _____. *Oikeios logos*: linguagem, dialética e lógica em Antístenes. Tradução de Joseane Prezotto e Simone Petry. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- CORDERO, Néstor. Antístenes: un testigo directo de la teoría platónica de las Formas. *Revista de Filosofía de la Universidad de Costa Rica*, v. XLVI, n. 117-118, p. 119-128, 2008.
- _____. L'interprétation anthisthénienne de la notion platonicienne de “forme” (eidos, idea). In: FATTAL, Michel (Ed.). *La philosophie de Platon*. Paris: L'Harmattan, 2001. p. 323-343.
- DINUCCI, Aldo L. Lógica e teoria da linguagem em Antístenes. *O Que nos Faz Pensar*, v. 13, p. 105-118, 1999.
- DOMÍNGUEZ, Atilano. *Cratilo o del lenguaje*. Ed. y trad. del griego de Atilano Domínguez. Clásicos de la Cultura. Madrid: Trotta, 2002.
- GIANNANTONI, Gabriele. *Socratis et Socraticorum Reliquiae*. 4 vols. Napoli: Bibliopolis, 1990.
- KENNEDY, William J. *'Anthisthenes' Literary Fragments*: Edited with introduction, translations, and commentary. Thesis (Doctor of Philosophy) – Faculty of Arts University of Sydney, 2017.
- KERFERD, George B. *O movimento sofista*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MÁRSICO, Claudia. Antístenes y la prehistoria de la noción de campo semântico. *Nova Tellus*, v. 23, n. 2, p. 70-99, 2005a.

MÁRSICO, Claudia. Argumentar por caminos extremos: II) La necesidad de pensar lo que es. Antístenes y la fundamentación semántica de la verdad como adecuación. In: CASTELLO, L.; MÁRSICO, C. (Eds.). *¿Cómo decir lo real?* El lenguaje como problema entre los griegos. Buenos Aires: GEA, 2005b. p. 109-132.

_____. *Filósofos socráticos. Testimonios y fragmentos II*. Antístenes, Fedón, Esquines y Simón. Buenos Aires: Editorial Losada, 2014.

MELERO BELLIDO, Antonio. *Sofistas: testimonios y fragmentos*. Madrid: Gredos, 1996.

PLATÃO. *Eutidemo*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução, apresentação e notas de Maura Iglésias. Edição bilíngue grego-português. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio e Edições Loyola, 2011.

PRINCE, Susan. *Antisthenes of Athens: texts, translations, and commentary*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2015.

PROCLO. *Lecturas del Crátilo de Platón*; edición de Jesús M. Álvarez Hoz, Ángel Gabilondo Pujol y José M. García Ruiz. Madrid: Akal, 1999.

XENOFONTE. *Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

Recebido em: 05-03-2019

Aceito para publicação em: 30-07-19